

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT2 – Antropologia Urbana

**AS MULHERES NO CARNAVAL DE SÃO PAULO:
SOBRE ANONIMATO E PROTAGONISMO FEMININO NAS ESCOLAS DE SAMBA**

Nathalia Fogliati Piccirillo¹

Universidade Federal de São Paulo

RESUMO

Este artigo aborda a atuação e o espaço da mulher na trajetória das escolas de samba de São Paulo. Esta preocupação de pesquisa decorre da constatação da invisibilidade da mulher nas escolas de samba. Identificamos na história do samba paulistano uma participação da mulher desde os primórdios das escolas. A formação dos bairros ou "territórios negros" da cidade e as relações entre familiares e vizinhos que se desdobraram em organizações coletivas, como são as agremiações, e os cordões carnavalescos, foram além de compensar a carência de direitos públicos, passando a atuar como locus de resistência e mobilização. O espaço do samba tem sido privilegiado na afirmação das identidades negras e das camadas populares mais amplas. Ou seja, analisamos as escolas de samba pelo seu caráter agregador, uma vez que proporcionam uma vasta rede de reciprocidade e participação, em especial, para as mulheres

Palavras-chave: carnaval paulista, escola de samba, mulher, baianas

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo.
napiccirilla@gmail.com

APRESENTAÇÃO

A compreensão de grandes rituais é, muitas vezes, momento privilegiado para a tradição antropológica no sentido da análise de grupos, pois neles estão presentes seus atores, valores, relações e conflitos.

A antropologia demonstra interesse pelos grupos minoritários em detrimento dos grupos dominantes, seus temas são tidos como periféricos, no entanto ela não mais se debruça apenas sobre os costumes exóticos tribais, mas agora também sobre questões de populações que vivem nos centros urbanos.

Este artigo tem como objetivo documentar e analisar a presença e atuação da mulher na construção e desenvolvimento das escolas de samba do carnaval de São Paulo.

Essa abordagem busca refletir sobre a formação desordenada da cidade e seu impacto principalmente às famílias negras que aqui habitavam, assim também sobre os meios de resistência para conservação de seus costumes ancestrais tão perseguidos na época e, através da trajetória de vida de importantes mulheres da história do samba - como Madrinha Eunice, Dona Sinhá e Tia Olímpia, entre outras, abordadas neste estudo - bem como as atribuições de tantas outras fundamentais porém anônimas, discorrer sobre a presença feminina nas escolas de samba de São Paulo, espaço estruturado com posições predominantemente masculinas ainda nos dias de hoje.

Portanto este trabalho retoma o contexto histórico da formação das escolas de samba em São Paulo, a partir da expansão da cidade, foca a participação e contribuição da mulher neste contexto e aborda importantes nomes dessa narrativa, assim como importantes posições exercidas por mulheres anônimas como as costureiras e as baianas.

Muito do que se sabe da história do samba e das escolas de samba é conhecido por relatos orais dos sambistas mais antigos contados de geração para geração, portanto o reconhecimento da memória destes sambistas é de fundamental importância para o resgate da trajetória do samba e do carnaval. A fala desses velhos sambistas compreende além do que o meio de comunicação cotidiano, guardam a história, a vivência e o conhecimento.

Para discorrer sobre essas questões e as trajetórias das mulheres que fizeram parte dessa história, foram utilizadas as entrevistas registradas entre os anos de 1981 e 1982 pela antropóloga Olga Rodrigues Moraes von Simson com antigos sambistas de São Paulo e que fazem parte da coleção em áudio sobre o tema "Carnaval Pauistano". Essas gravações estão disponíveis no Museu de Imagem e do Som (MIS) em São Paulo.

A documentação dessas narrativas é uma forma de assegurar que a raiz do samba e das escolas, a tradição, viva na memória dos mais antigos, seja preservada e seu registro possibilite a compreensão de dimensões existentes neste cenário em constante movimento e transformação.

Essas histórias são capazes de discorrer além da visão que esses agentes têm dessa manifestação cultural, mas também serve como um resgate da memória do samba e do carnaval paulistano, sendo a memória capaz de “reter fatos e experiências do passado e retransmití-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.)”(VON SIMSON, 2000, p. 63).

Além desses áudios com relatos dos velhos sambistas, foram ouvidos também álbuns que, por meio de narrativas e músicas, contam a história do samba paulista e seus importantes nomes, bem como estudos já realizados sobre o tema.

A minha experiência com escolas de samba de São Paulo começou em 1996 quando ainda criança comecei a frequentar uma agremiação paulistana, a Sociedade Rosas de Ouro, junto com meus familiares. Desde então acompanho o trabalho de diversas escolas da cidade durante todo o ano e recentemente tenho investigado este ambiente como pesquisadora a partir de um olhar antropológico.

ESTRUTURA URBANA E A ORGANIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS NEGROS

A história do samba paulista e a construção do seu carnaval perpassa pelo crescimento da cidade. A formação dos bairros ou "territórios negros" de São Paulo, que são caracterizados pela deficiência de políticas públicas e marcante relação entre parentes e dentro da vizinhança, desdobrou-se em organizações coletivas, como são as agremiações carnavalescas. Tais organizações vão além de compensar a carência de direitos públicos, elas atuam como espaços políticos, mobilizando os moradores locais e atraindo moradores de outras regiões durante o ano todo. Diante disso as escolas de samba surgem como uma organização social em um cenário urbano marcado por uma forma de estruturação urbana que refletia as desigualdades entre classes sociais e grupos étnicos (ROLNIK, 1989).

O isolamento dos negros nas senzalas durante a escravidão se configura como o primeiro espaço segregado, foi no interior de suas arquiteturas totalitárias que nasceu a resistência africana em terras brasileiras e se formou uma comunidade ligada pelo laço de sua ancestralidade que foi celebrada e ritualizada, transformando esses locais de segregação..

A cidade de São Paulo desde o período escravocrata apresenta em sua geografia

um modelo espacial de segregação urbana, sendo estruturada por um zoneamento social, demarcado em termos socioeconômicos e étnicos.

Os territórios negros da cidade foram adquirindo dinâmicas específicas quanto à sua organização e também quanto aos seus momentos de lazer. A formação de uma comunidade ligada pela ancestralidade e exclusão, ao dispor de atividades próprias, constituindo núcleos de divertimento coletivo fundados em seus costumes e em meio a tanta repressão, perseguição e preconceito racial, faz com que essa comunidade se integre em um mecanismo de enfrentamento e resistência. Esses espaços, acima de tudo, tornam-se espaços políticos, de mobilização e preservação de identidade e culturas.

Nas primeiras décadas do século XX a população negra habitava cortiços e porões do velho centro, recém-abandonados pela burguesia da época, que migrava para novas regiões em busca de privacidade e exclusividade.

Os bairros da Barra Funda, Bela Vista ou Bexiga e Baixada do Glicério manifestam essa segregação e, apesar de algumas distinções quanto à territorialidade, eles possuíam algumas características em comum: eram considerados territórios negros da cidade, contudo abrigavam também imigrantes de baixa renda que viviam no país; esses bairros localizavam-se em áreas urbanas desvalorizadas e carentes em políticas públicas; eram áreas próximas ao centro urbano comercial da época, e também próximas a bairros de classe alta - como Higienópolis e Campos Elíseos para Barra Funda; Jardins e Avenida Paulista para o Bexiga e Liberdade para o Baixo Glicério -, por este último motivo, permitiam uma grande oferta de serviços domésticos às mulheres, e trabalho em armazéns ou fábricas para os homens. Portanto se configuraram como importantes territórios negros.

Foram nesses importantes e desvalorizados territórios que nasceram os primeiros cordões carnavalescos de São Paulo a partir da década de 1910, as primeiras manifestações negras do carnaval popular da cidade.

OS CORDÕES CARNAVALESCOS, AS ESCOLAS DE SAMBA E AS MULHERES

As inscrições culturais das comunidades negras de São Paulo surgiram também como produto de instituições nas quais as mulheres atuaram de maneira decisiva. A música tradicional aparecia nessas instâncias como principal símbolo delimitador de fronteiras.

(CLEMENTE; SILVA, 2014, p. 89)

As escolas de samba nasceram nos morros do Rio de Janeiro, no início dos anos

1920, e eram compostas por pessoas sem profissão definida ou fixa e majoritariamente negras, tornando-se um espaço de sociabilidade negra nos espaços urbanos.

Em São Paulo essas agremiações tiveram influência carioca e também dos elementos do samba rural, surgiram em territórios negros como no bairro da Barra Funda e Lavapés, na época as regiões mais negras da cidade, onde habitavam as "tias" negras, que abriam suas casas para a prática do jongo, da macumba e do samba de roda. Posteriormente esses grupos se organizaram nos cordões carnavalescos, e muitos deles vieram a ser as escolas de samba da cidade.

O Grupo Carnavalesco da Barra Funda foi o primeiro cordão carnavalesco da cidade de São Paulo, fundado em 1914 por Dionísio Barbosa com o nome de Grupo Carnavalesco da Barra Funda (VON SIMSON, 2007).

Dionísio Barbosa era carpinteiro e em 1910 a fábrica em que ele trabalhava o transferiu para a filial no Rio de Janeiro. Lá, Dionísio frequentou as festas da Penha, reduto de sambistas, participou dos carnavais do Grêmio Pastorino Silva Manoel, assistiu a desfiles de bandas militares, aprendeu o jogo da pernada, entre outras vivências. Em 1914, Dionísio Barbosa retorna para São Paulo e, a partir das experiências que teve no Rio de Janeiro, cria o cordão com ajuda de parentes e amigos, na Barra Funda, bairro onde morava (VON SIMSON, 2007).

Após alguns anos de sua formação o grupo enfraqueceu devido a diversos obstáculos que enfrentou e deixou de desfilar por alguns carnavais. Em 1953, Inocêncio Tobias - "O Mulata" -, que na época era casado com Cacilda da Costa – Dona Sinhá –, sobrinha de Dionísio Barbosa, inicia um movimento de reorganização do cordão, que então retorna ao carnaval como escola de samba com o nome Associação Cultural e Social Escola de Samba Camisa Verde e Branco e é campeã já no ano seguinte, 1954, com o enredo "IV Centenário" em homenagem ao IV centenário de São Paulo.

Dona Sinhá nasceu em 1917 no bairro da Bela Vista, e quando tinha 12 anos surgiu perto de sua casa um movimento de pessoas interessadas em montar um cordão carnavalesco. Eram pessoas que não eram convidadas para as festas e eventos do famoso grupo esportivo da época, o Cai-Cai, por motivo de desavenças e mesmo assim apareciam de penetra e eram sempre expulsos do evento. Então fundaram o Cordão Carnavalesco e Esportivo Vae-Vae, oficializado posteriormente em 1930 e atual Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Vai-Vai.

No primeiro desfile da Vai-Vai Dona Sinhá desfilou de baliza por ser muito extrovertida. O baliza desfilava à frente do cordão fazendo malabarismo com um bastão e era responsável por abrir caminho para a agremiação carnavalesca passar, além de

proteger o estandarte do grupo. Por este motivo a maioria dos componentes que desfilava como baliza eram homens. Saíam nessa função uma média de 10 pessoas.

A partir deste primeiro desfile, Dona Sinhá passou a sair todo ano junto com seus familiares.

Dona Sinhá viu e participou de diversos cordões carnavalescos e posteriormente acompanhou o nascimento das escolas de samba da capital. Junto com seu segundo marido, Inocêncio Tobias, teve papel fundamental na reorganização do cordão Camisa Verde e Branco que o tornou escola de samba.

De família de sambistas, sobrinha de Dionísio Barbosa, fundador do primeiro cordão carnavalesco de São Paulo, filha de Seu Félix, famoso tocador de bumbo, Dona Sinhá cresceu no meio do samba e da organização do carnaval paulista (SILVA, 2002).

Outra grande mulher na história do samba e carnaval de São Paulo, também componente do Vai-Vai foi Olímpia dos Santos Vaz, Dona Olímpia. Nascida em 1914, era filha de português e se casou com Diógenes Carlos Vaz, pianista que tocava na noite paulistana.

Ao contrário de Dona Sinhá, Dona Olímpia não tinha apoio do marido. Seu Diógenes não gostava que ela participasse do carnaval, porém ela ia escondida junto com suas filhas e seus filhos. E, com muita insistência e contra a vontade do marido, Dona Olímpia e seus filhos começaram a sair no Vai-Vai com o apoio do então presidente da agremiação, Sebastião Eduardo Amaral, o "Pé Rachado".

Com o passar dos anos seu envolvimento com a Vai-Vai foi se intensificando e, além de componente, passou a exercer funções de organização da escola tal como fundadora e chefe de diversas alas da agremiação.

As mulheres estiveram presentes no desenvolvimento do Vai-Vai, não somente como componentes do desfile, mas como organizadoras da agremiação.

Retomando o contexto histórico do surgimento das escolas de samba em São Paulo, a primeira escola de samba da cidade surgiu em 1934, era a Escola de Samba Primeira de São Paulo, fundada por Elpideo Faria. A escola não tinha o formato que conhecemos hoje como escola de samba, apenas levava o nome e durou poucos anos.

Entretanto, em 09 de fevereiro de 1937 foi fundada a Sociedade Recreativa Beneficente Escola de Samba Lavapés por Deolinda Madre, conhecida como Madrinha Eunice, e seu marido Francisco Papa, o Chico Pinga, no bairro do Glicério, região central da cidade de São Paulo. A agremiação permanece em atividade até hoje presidida atualmente pela neta de Dona Eunice, Rosemeire Marcondes de Moraes, e é considerada um marco importante para o samba de São Paulo.

A primeira presidente da escola, Madrinha Enice, nasceu em 1909, na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo e sua história com o samba começa desde pequena. A região de Piracicaba e outras cidades como Tietê e Capivari era marcada pela tradição do batuque de umbigada, chamado também de tambu, que junto com o jongo e o samba rural ou samba de bumbo reporta à manifestação cultural negra paulista.

Além disso, todo ano Madrinha Eunice ia junto com sua família para o samba de Pirapora. O samba de Pirapora acontecia todo ano no início de agosto na cidade de Pirapora do Bom Jesus, interior de São Paulo, e era o encontro da comunidade negra que vivia em diversas cidades do Estado, agregava também brancos que iam festejar; o espaço propiciava a expressão do samba rural paulista. O bumbo era o principal instrumento do encontro e a dança expressa na umbigada.

*Á margem do lendário Tietê,
uma nova cidade surgiu
De toda a parte vinha romaria,
festejar o grande dia
E cantar em seu louvor²*

A propósito, foi nessa festa que Madrinha Eunice conheceu seu marido, o filho de italianos, Chico Pinga.

A menina de Piracicaba conta que mudou para a capital muito nova, quando tinha quatro anos de idade junto com uma prima, o que não a fez perder o contato com o restante da família que ficou no interior. Na capital sua primeira residência foi na Rua Tamandaré, localizada na Baixada do Glicério. Desde então permaneceu na região, até pouco antes do seu falecimento, em 1995.

Em São Paulo, segundo seu depoimento, Dona Deolinda conheceu e se aproximou dos festejos dos cordões de carnaval, gostava de assistir a festa, na época festejada somente por homens que vestiam-se com camisões e pulavam pelas ruas.

Nos anos de 1935 e 1936, junto com Chico Pinga, seu marido já na época, vai para o Rio de Janeiro acompanhar o carnaval da Praça Onze e, neste último ano, ao voltar para São Paulo, inspirados pelos festejos carioca, resolvem organizar uma escola de samba e fundam a Sociedade Recreativa Beneficente Escola de Samba Lavapés.

O nome da escola de samba Lavapés, assim como suas cores vermelho e branco e símbolo da baiana que representava a agremiação, foram escolhidos por Madrinha Eunice. A baiana representava as grandes matronas dos terreiros que asseguravam a

² “Tradições e Festas de Pirapora”, samba enredo da Unidos do Peruche do carnaval de 1971 escrito por Geraldo Filme que retrata a festa de Pirapora.

preservação e o desenvolvimento das tradições de origem africana, por mulheres vindas da Bahia para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Ser mulher, negra, presidenta de uma escola de samba, nos anos 1930, não foi uma tarefa fácil para Madrinha Eunice. Madrinha de 40 afilhados, dentre os quais está sua neta Rose, como todos os outros negros e negras, era discriminada por preconceito racial e ainda fundou e presidiu uma escola de samba, ambiente ainda hoje liderado majoritariamente por homens. Madrinha Eunice não só superou tudo isso como também exerceu muito bem todas as suas atribuições, portanto é considerada destaque na primeira geração feminina do samba paulistano.

Neste breve contexto do carnaval paulistano, é notória a importância de três mulheres que podem ser consideradas as "matriarcas do samba paulistano", Madrinha Eunice, Dona Sinhá e Tia Olimpia.

Cresci na roda de bamba

No meio da alegria

Eunice puxava o ponto

Dona Olimpia respondia

Sinhá caía na roda

Gastando sua sandália

E a poeira levantava

Com o vento das sete saias³

Essas mulheres, e tantas outras, reconhecidas como "Donas", "Tias" e "Madrinhas", fizeram e ainda fazem das quadras um espaço familiar e de proximidade. Essa afetividade pode ser compreendida pelo fato de que as escolas de samba se desenvolveram como uma extensão das famílias negras, como fez Madrinha Eunice em sua agremiação, um ambiente maternal de uma família matrifocal. Ainda hoje esses títulos são atribuídos e legitimados a mulheres, tanto protagonistas como anônimas, que têm sua participação efetiva no meio do samba.

Além da Vai-Vai citada anteriormente como uma escola aberta à presença e participação feminina, na Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Unidos do Peruche a comparência da mulher também é fortemente marcada em sua história.

A Unidos do Peruche foi fundada em 1956 por um grupo de amigos que participavam da Escola de Samba Lavapés, que por divergência com a direção deixaram a escola e fundaram sua própria agremiação. Segundo Carlos Alberto Caetano, Seu Carlão, um dos fundadores da Unidos do Peruche, após a Lavapés ser campeã do

3 "Batuque de Pirapora" de Geraldo Filme.

carnaval em 1955, Madrinha Eunice foi receber o prêmio na Rádio Record, que era responsável pela organização do carnaval na época, e pediu aos meninos que tocavam na escola, entre eles Seu Carlão, que recolhessem os pertences da escola e a aguardassem no Largo São Paulo, que era onde hoje passa a Radial Leste sob a Rua da Glória. Assim os meninos o fizeram, mas Madrinha Eunice não voltou para encontrá-los. "Recolhi a escola e voltamos para a Lavapés revoltados" (GOMES, 2010, p. 150).

Na época Seu Carlão estava morando no Parque Peruche e, junto com os demais meninos que estavam chateados com a Lavapés, surgiu a ideia: "vamos tirar uma escola de samba daqui?" (GOMES, 2010, p.150). Eram todos ritmistas e se consideravam aptos a organizarem sua própria agremiação pela vivência que tiveram na Lavapés, e assim fundaram a Sociedade Esportiva e Recreativa Beneficente da Unidos do Peruche, a "filial do samba" - como popularmente é conhecida.

Romilda Simões, a Dona Romilda, nascida no bairro do Bom Retiro em São Paulo, no ano de 1930, desde pequena frequentava samba de roda, de umbigada, com sua família. Seu avô fazia samba de roda na fazenda em que morava em Campinas, a mãe dançava samba de umbigada, além disso a mãe tinha promessa em Pirapora do Bom Jesus e todo ano ia pagá-la por um pedido alcançado, com isso Dona Romilda cresceu no meio do batuque.

Na adolescência Dona Romilda começou a desfilar no Cordão Campos Elíseos como baliza – assim como Dona Sinhá, era uma das poucas mulheres nessa função -, pouco tempo depois teve a fundação da Unidos do Peruche e, pela proximidade com sua casa (na época estava morando na Casa Verde), começou a frequentar a escola junto com as quatro irmãs e um irmão e posteriormente também sua mãe.

Como era de costume na época, cada componente produzia e bancava sua própria fantasia. Desde a fundação da Unidos do Peruche, Dona Romilda costurava e bordava sua fantasia para o desfile, assim como seus familiares também.

Em 1993 um senhor da Casa Verde conhecido como Caçapa procurou diversas pessoas pelo bairro com a proposta de fundar uma nova escola de samba. Dentre as pessoas procuradas, Dona Romilda foi uma delas, para conversar sobre como era o funcionamento de uma escola de samba, dada sua experiência e participação de muitos anos na Unidos do Peruche.

A partir desses contatos, no ano seguinte foi fundada a Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Império de Casa Verde.

Além do auxílio quanto às orientações para fundação e gestão de uma escola de samba, Dona Romilda depois foi procurada também para ser costureira da escola.

Durante anos ela costurou para a Império de Casa Verde, fez importantes alas como a fantasia da ala das baianas e da comissão de frente.

Pelo reconhecimento de seu trabalho, contribuição na estruturação do carnaval paulistano, este ano Dona Romilda recebeu o título outorgado pela União das Escolas de Samba Paulistana (UESP) de “Cidadã Samba”.

Dona Romilda é uma presença importante na história do samba devido à sua participação e influência na estruturação das escolas, mas aqui destaco outras tantas costureiras, não nomeadas, que têm sua participação por meio de suas produções, as fantasias.

A presença dessas costureiras anônimas é imprescindível para a escola desfilar. Atualmente os componentes que querem desfilar escolhem sua fantasia já produzida pela escola e diferenciada por cada ala, pagam para o chefe de ala e retiram a fantasia, já pronta próximo ao dia do desfile. As milhares de fantasias⁴ produzidas para o desfile da agremiação são feitas por costureiras que trabalham exaustivamente para entregar tudo pronto até o dia do desfile. Muitas delas exercem essa ocupação apenas pela fonte de renda e outras são antigas na escola, então, além da questão financeira, também tem a paixão pela agremiação. No entanto, todas são essenciais para a escola ir para avenida, ainda que anônimas.

Na Unidos do Peruche a mulher também teve espaço na função de “puxadora” do samba enredo, posição ocupada majoritariamente por homens. A cantora Eliana de Lima é um nome de destaque na escola, apesar de não ter iniciado sua carreira como “puxadora” de samba enredo na “filial do samba”, mas foi onde levou sambas consagrados do carnaval de São Paulo, como no ano de 1988 com o enredo “Sambas Filhos de Mãe Preta”.

No ano de 1991, ano de inauguração do Sambódromo do Anhembi pela então prefeita da cidade, Luiza Erundina, a Unidos do Peruche vinha com o enredo “Quem não arrisca, não petisca!”, que seria puxado por Eliana de Lima na avenida. Contudo, neste ano, Eliana de Lima estava grávida e, no dia 10 de fevereiro, dia do desfile, ela foi para o hospital e quem foi chamada para substituí-la foi Dona Maria Bernadete Raimundo: “Colocaram-me num quartinho e falaram: 'É você que vai para avenida.' Resumindo a história, fui para Avenida!” (GOMES, 2010, p.184).

Bernadete cantava na escola Império Lapeano, uma pequena escola de samba sediada no bairro da Vila Leopoldina. No último ano dos desfiles de carnaval na Avenida Tiradentes, antes da inauguração do Sambódromo do Anhembi, gravaram uma fita com o

4 Atualmente cada escola de samba desfila com uma média de 3.000 componentes.

desfile da escola em que Bernadete puxava o samba.

A intérprete oficial da Unidos do Peruche, como mencionado, era Eliana de Lima. Porém, como estava grávida naquele ano e com agenda de shows, não podia comparecer em todos os ensaios na quadra na escola. Foi então que a direção da Unidos da Peruche teve acesso à fita que gravou o último desfile da Império Lapeano em que Bernadete puxava o samba e, então, a chamou para realizar os ensaios na Peruche na ausência da Eliana de Lima um mês e meio antes do desfile.

No dia do desfile, com a ausência imprevista de Eliana de Lima, Dona Bernadete foi quem assumiu o canto da escola e depois desse dia foi contratada como intérprete oficial pelos seguidos dois anos. Também cantou depois pela Barroca da Zona Sul, Império de Casa Verde, entre outras escolas.

Ainda que a primeira escola de samba de São Paulo em atividade até hoje – Lavapés – tenha sido fundada e presidida por uma mulher, esta é uma posição, na grande maioria dos casos, ocupada por homens.

Atualmente duas grandes escolas de samba do grupo especial⁵ de São Paulo, entre as quatorze nessa categoria, são presididas por mulheres, é a Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mocidade Alegre, com a Solange Cruz Bichara Rezende, e a Escola de Samba Sociedade Rosas de Ouro, com a Angelina Basílio.

As duas escolas são localizadas na zona norte de São Paulo e foram fundadas por familiares das presidentes que faleceram e, então, elas assumiram a função, e de forma bastante satisfatória, quando se considera a disputa carnavalesca, haja vista a colocação dessas agremiações nas últimas apurações.

A Mocidade Alegre foi fundada oficialmente em 1967 – embora sua participação no carnaval tenha começado 20 anos antes dessa data – e teve como primeiro presidente o Senhor Juarez da Cruz. Em 1992 o seu Juarez passou o cargo para o irmão, Carlos Augusto Cruz Bichara, que veio a falecer 6 anos depois, sendo substituído por sua filha Elaine Cristina que, após o vice-campeonato no carnaval de 2003, se afastou para cuidar de problemas de saúde, dando lugar à então vice-presidenta, sua irmã, Solange Cruz Bichara Rezende, que está como presidenta até os dias de hoje.

Desde que se tornou presidenta, Solange conquistou seis títulos como campeã do carnaval de São Paulo. A forma otimista, presente e forte como conduz sua agremiação é sempre destacada, seja pela mídia, seja por componentes da escola e até mesmo de outras agremiações. Inclusive essa marca de sua gestão virou tema do carnaval de 2017

5 O Grupo Especial em São Paulo é composto pelas 14 escolas de samba que tiveram a melhor classificação no carnaval do ano anterior.

da escola: a Mocidade Alegre vai para avenida com o enredo “A vitória vem da luta, a luta vem da força e a força da união” - frase tida como lema de Solange.

A Sociedade Rosas de Ouro foi fundada em 1971 por um grupo de quatro amigos, dentre eles o primeiro presidente, Eduardo Basílio. Em 2003 Basílio faleceu e sua filha, Angelina Basílio, foi quem assumiu o comando da agremiação.

Com Angelina a escola foi campeã no carnaval de 2010 e por cinco vezes ficou entre as 3 primeiras colocadas do grupo especial.

Ainda que fora do grupo especial, a Lavapés é atualmente presidida por Rosemeire Marcondes de Moraes, neta de Madrinha Eunice, como já mencionado. Rose foi criada por Madrinha Eunice, cresceu no meio do samba, nas festas de Pirapora e da Lavapés, e desde pequena Madrinha Eunice já anunciava que Rose seria sua sucessora, deixou seu desejo registrado e assim foi feito quando Madrinha Eunice faleceu em 1995.

As lideranças mais antigas da história do carnaval de São Paulo, como exemplo destacado aqui nas trajetórias de Dona Eunice, Dona Sinhá e Tia Olímpia, serviram de modelo para as herdeiras que levam à frente o carnaval paulistano. Ainda que de forma desproporcional, hoje as mulheres alcançam posições antes monopolizados pelos homens, como chefes de alas, diretores de harmonia, puxadores de samba, entre outros.

Em “Memórias de um sargento de milícias”, Manoel Antonio de Almeida descreve a participação de negras baianas em uma procissão no Rio de Janeiro na época do rei d. João VI,

Queremos falar de um grande rancho chamado rancho das Baianas, que caminhava adiante da procissão, atraindo mais ou tanto como os santos, os andores, os emblemas sagrados, os olhares dos devotos; era formado esse rancho por um grande número de negras vestidas à moda da província da Bahia, donde lhe vinha o nome; e que dançavam no intervalo dos Deo gratias uma dança lá a seu capricho.

(ALMEIDA, 1997, apud, LOPES; SIMAS, 2015 p. 29)

A ala das baianas foi introduzida oficialmente ao desfile através de um decreto no ano de 1933 pelo prefeito da época do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto.

As baianas no desfile das escolas de samba carregam aspectos histórico e da ancestralidade da cultura africana feminina para avenida, a ala homenageia as "tias baianas" que migraram da Bahia para o Rio de Janeiro com suas famílias e configuraram uma comunidade, mantendo sua tradição e princípios neste novo território.

A região da Praça Mauá, no Rio de Janeiro, até Catumbi, passando pela famosa Praça Onze, era conhecida como Pequena África, uma espécie de núcleo populacional com presença forte de negros e negras, era o ponto de encontro dos descendentes

africanos, muitos vindo da Baha, e que residiam nos morros próximos ao centro da cidade carioca.

Ainda que referente ao Rio de Janeiro, uma grande mulher na história do samba foi Tia Ciata. Baiana que morava na Rua Visconde de Itaúna, 117, no Rio de Janeiro, sua casa era considerada a capital da Pequena África. Lá Tia Ciata recebia os sambistas na época em que o ritmo era marginalizado e perseguido. "Pelo telefone", considerado o primeiro samba gravado, foi escrito em sua casa por Donga e Mauro Almeida, pode-se dizer que foi na casa da Tia Ciata, em 1916, que nasceu o samba.

O preconceito racial persegue o caminho do samba e das escolas, ora, persegue o negro e toda sua manifestação. O preconceito aparece em diferentes formas e momentos, ao referir-se à música como barulho e aos sambistas como vadios, por exemplo. Inclusive em 1941 foi instituída a Lei da Vadiagem que serviu para encobrir repressões e abusos policiais e punir sem provas suspeitos de crimes que em sua maioria eram os negros, pobres e desempregados, quase sempre inocentes.

As casas das tias baianas, além de acolher os sambistas, se tornam celeiros da cultura africana, com a disseminação de seus costumes e crenças. As baianas se destacam pelas tradições culinárias, como as feijoadas que costumam acontecer nas agremiações sob o preparo delas, e por suas vestimentas - saia comprida, rodada e armada, rendas, turbante, lenço, colares, brincos, broches, pulseiras -, que remetem à cultura africana. A figura da baiana carrega o elo da herança ancestral africana – a oralidade, a culinária, a religiosidade, a dança e a cor.

Ala das baianas não é quesito de avaliação do desfile⁶, mas sua presença é obrigatória na avenida e a agremiação deve se apresentar com o mínimo de 50 baianas, conforme o regulamento das escolas de samba. Diferente das outras alas que sambam durante o desfile, a movimentação das baianas é feita por rodopios, constantes ou não.

A ala das baianas nas escolas de samba é composta só por mulheres, preferencialmente por senhoras que estão há um tempo no meio do samba. Para o desfile suas grandiosas fantasias costumam pesar entre 15kg e 20kg, o que torna inviável a participação na ala de senhoras mais fracas. Na impossibilidade de desfilar devido ao esforço físico, muitas baianas vão para a ala da Velha Guarda.

Aliás, é na ala das baianas e na Velha Guarda das escolas de samba que estão os sambistas mais antigo, que são como os guardiões do samba e da memória do carnaval.

A Velha Guarda normalmente desfila encerrando o desfile, ou no chão ou no último

6 Em São Paulo as escolas de samba são avaliadas nos seguintes quesitos: bateria; harmonia; evolução; samba enredo; mestre-sala e porta-bandeira; comissão de frente; alegoria; enredo; e, fantasia.

carro alegórico, não desfila com fantasia, mas com roupa típica de sambista, ternos nas cores da escola e chapéus em estilo Panamá.

Por fim, as baianas exprimem a relação profunda da mulher negra com a vida, com o samba, com o carnaval, seu envolvimento e presença na escola as fazem protagonistas de uma manifestação cultural hoje respeitada na cidade.

A ala de baianas reúne o feminino mais concreto das escolas. São mulheres que já vivenciaram momentos fortes, brilhantes e dramáticos em suas vidas. Neste sentido, quando elas rodopiam no desfile parece exprimir uma sedução típica de suas entranhas. Acabam, assim, se tornando “rainhas especiais”, pois, só elas conseguem rodopiar com arte, com aquela roupa especial, que formatam uma estética muito peculiar à mulher negra.

(ALA DE BAIANAS, 2012)

CONCLUSÃO

A produção de um desfile de carnaval começa na sequência do resultado do carnaval anterior. O calendário das tarefas carnavalescas se inicia com a definição dos agentes produtores dessa festa como carnavalesco e intérprete, definição de enredo, seguido da escolha de samba enredo, produção de fantasias, alegorias e ensaios e mais ensaios até o dia do desfile.

Neste processo criativo reiniciado todos os anos uma vasta rede de gêneros artísticos distintos se forma para compor a festa – música, dança, artes plásticas, canto –, assim também surge uma vasta rede social de reciprocidade e interação que hoje atravessa as fronteiras territoriais da cidade e se expande por diferentes camadas sociais. A ordem do cotidiano é suspensa e se configura um período de valores igualitários dentro de uma sociedade desigual, hierárquica e autoritária – seria então a revelação da cidade no seu momento de "inversão social", como o carnaval é abordado em alguns estudos.

A escola de samba revela o constante movimento da cidade e a intensa troca cultural que essa proporciona. Ao longo dos anos, de alguma forma, a escola de samba relacionou o morro ao asfalto, a periferia ao centro, o velho com o novo, o preto e o branco, o pobre e o rico.

Durante toda a história e neste processo de construção das escolas de samba e carnavais, a mulher tem um papel imprescindível na sua estruturação, seja de forma anônima ou como protagonista; seja ao recepcionar os sambistas, confeccionar suas fantasias, ou ao presidir uma agremiação.

Sua participação perpassa por diferentes posições: do trabalho associado ao

universo doméstico, tais como a costura, o bordado, o figurino, a recepção, a culinária, a posições de gestão da escola, ainda que esta última seja desproporcional em vista da presença masculina.

Embora as mulheres participem dessas variadas funções nas escolas de samba, sejam respeitadas (hoje mais que antigamente devido a influência das primeiras mulheres que abriram espaço no mundo do samba) e ganhem destaque midiático na época do carnaval, sua presença ainda é inferior, quando comparada à presença masculina, em segmentos de direção, composição de samba, intérprete, funções que majoritariamente são executadas por homens.

Pensar na presença feminina enquanto presença atuante dessa história inicialmente parece difícil diante da visibilidade masculina. No entanto é no conhecimento histórico dessa manifestação, na compreensão da construção de um carnaval e atenção ao cotidiano deste processo que sobressai a presença da mulher e enxergamos seu destaque e importância.

A mulher está no bordado da fantasia, no ritmo de uma ala, no meio da bateria, na voz que chama toda uma comunidade a deleitar-se na passarela do samba. Fortalecer a presença feminina na escola de samba é fortalecer a própria escola de samba no seu sentido mais completo.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

AZEVEDO, Ricardo. **Abençoado e Danado do Samba**: Um estudo sobre o discurso popular. São Paulo: EDUSP, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **A Cidade e o Samba**. Revista USP, vol 32. São Paulo, 1996-97.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. É Carnavall!. BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). **Agenda Brasileira**: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CLEMENTE, Claudelir Correa; SILVA, José Carlos Gomes da. Dos quilombos à periferia: reflexões sobre territorialidades e sociabilidades negras urbanas na contemporaneidade. In: **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**. Uberlândia, v. 4, n, 1, p. 86-106, 2014.

DAMATTA, Roberto. O carnaval como rito de passagem. In: **Ensaio da Antropologia Estrutural**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

DURHAM, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth. **A Aventura Antropológica**: teoria e pesquisa. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 17-37.

GOMES, Carlos Antonio Moreira. **Um Batuque Memorável no Samba Paulistano**. São Paulo: Centro Cultural de São Paulo, 2010.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da História Social do Samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras** (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). Revista de Estudos Afro-Asiáticos, n 17. Rio de Janeiro, 1989.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Carnaval em Branco e Negro**: carnaval popular paulistano: 1914 – 1988. Campinas, Editora Unicamp; São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org). **Arquivos, fontes e novas tecnologias para a história da educação**. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000.

SILVA, Eloiza Maria Neves. **História de vida de mulheres negras**: um estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas. 2002. Dissertação de Mestrado em História

Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MANZATTI, Marcelo Simon. **Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro:** estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista. 2005. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Álbuns

OSVALDINHO DA CUÍCA. **História Do Samba Paulista I.** CPC Umes. 1999.

PLÍNIO MARCOS. **Em Prosa e Samba:** Nas Quebradas do Mundaréu. Continental, 1974.

Sites

Ala de Baianas: Histórias e Memórias de Baianas das Escolas de Samba. Acessado em 26 de setembro de 2016,
<<http://aladebaianas.com.br/i/>>

Camisa Verde Branco, “História”. Acessado em 22 de setembro de 2016,
< <http://www.camisaverdebranco.com/Historia> >

LIGA SP | Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo, “Regulamento Oficial dos Desfiles Carnavalescos – Grupo Especial e Grupo de Acesso/Carnaval 2015”. Acessado em 27 de setembro de 2016,
< <http://www.ligasp.com.br/liga/wp-content/uploads/2015/03/regulamento2015.pdf> >

Peruche, “História”. Acessado em 22 de setembro de 2016,
<<http://uperuche.com.br/nossa-historia/>>

SASP - Sociedade Amantes do Samba Paulista/SP, “S.R.B.E. Lavapés”. Acessado em 28 de setembro de 2016,
<http://www.sasp.com.br/a_escola.asp?rg_escola=42#.VXRjHc9Vikp>

Vai-Vai – Hall da Fama. Acessado em 22 de setembro de 2016,
<<http://www.vaivai.com.br/hall-da-fama/>>